

O ZOO OU A SELVA?

Andar anos a «cantar loas» a certos produtos; criar nos leitores naturais expectativas sobre a sua qualidade; e verificar depois que, **na hora da verdade**, não cumprem integralmente, de acordo com o que seria legítimo esperar, deixando os leitores confusos, **quando não com fundadas suspeitas sobre a isenção e competência dos testes já publicados**, é, no mínimo, frustrante para os críticos de uma revista, que sempre se pautou pelos mais rigorosos critérios éticos, sem deixar de dar a cara em defesa das «damas», cujas virtudes o justificassem, independentemente da secreta intenção de posteriormente «irem com elas para a cama», isto é, comprá-las para seu uso pessoal.

De facto, até mesmo em iniciativas do género das que a AUDIO levou a cabo recentemente no Novotel e na Póvoa do Varzim, em que se tenta recriar um «habitat natural», de forma que o equipamento dê uma razoável «imagem» (em todos os sentidos) de si próprio, podem surgir situações imponderáveis que deturpam o «potencial sónico» em maior ou menor grau. Foi o que sucedeu no AudioShow, devido à exiguidade de algumas das instalações disponíveis para certo tipo de colunas (as **Magneplanar**, por exemplo); e à verdadeira avalanche de visitantes saudavelmente indisciplinados – quase tão interessados em «tocar» como em «ouvir tocar» os equipamentos, cujo apelo físico, depois das descrições entusiasmadas da crítica, suscitava este desejo espontâneo de lhes sentir a «epiderme» – tornada assim tão ou mais importante que a própria performance.

Na Póvoa do Varzim, na Sala de Armas do Casino, o **contexto** voltou a impôr-se ao **texto**. Uma sala demasiado reverberante (com alguns estranhíssimos modos de ressonância de baixa frequência, que já tinham afectado a performance das **Apogee Diva**, no ano passado) afectou o equilíbrio tonal das **Wilson Watts**, a transparência em geral e a clareza da gama média. As **Wilson** valeram pela dinâmica (quase de PA!) proporcionada pelo poderoso **Krell KSA-250** e pela imagem estereofónica, que melhorava à medida que as colunas atingiam o «ponto de rebaçado». Embora não tenham desiludido (o



potencial sónico foi evidente para todos), as **Watts** estiveram longe daquilo de que são capazes em condições ideais que me levaram a considerá-las como a minha referência em colunas de caixa, superando mesmo as gigantescas **Goldmund Apologue**.

Moral da história:

Quando afirmo que as **Magneplanar** me provocam «pele de galinha», não é com certeza pelo que elas mostraram no Novotel; quando eu digo (neste número) que o **Krell MD1/SBP16/SBP 64** é a melhor fonte digital que já ouvi, refiro-me naturalmente, e também, **ao mesmo texto, mas em contextos diferentes**.

Certos sistemas são como os animais selvagens – estiolam ou morrem fora do seu habitat natural. Tanto mais, quanto mais raros, sensíveis (e caros!) forem. Do mesmo modo, o nosso próprio habitat condiciona também os nossos juízos críticos.

Mesmo assim, valeu a pena:

Para quem estava habituado a tecer considerações sobre equipamentos apenas com base no que tinha lido em revistas da especialidade, o «**zoo natural**» (recriado no Novotel e na Sala de Armas do Casino da Póvoa) é bem preferível à anarquia da «**selva artificial**» da FIL, tendo proporcionado aos leitores um primeiro contacto físico com «**espécies raras**», até há poucos anos só conhecidas de uma minoria privilegiada. O próximo passo lógico seria a audição crítica em grupo. Depois, os testes cegos, com um painel de leitores formados nas «escolas» da AUDIO.

A saudável divergência de opiniões, que sempre se verifica nestas ocasiões, só prova que a AUDIO atingiu o objectivo que se propôs de «dar a palavra aos leitores» e de os tornar «cidadãos audiófilos de pleno direito». Eles podem agora votar em consciência, de acordo com a sua própria experiência, e não apenas influenciados pelos gostos das elites nacionais e internacionais.

A crítica continua a ser o «motor», mas deixou de ser o «mentor». As revistas deixaram de ser «bíblías»; os críticos apearam-se dos seguros pedestais do anonimato e da incomunicabilidade: dão a cara – deixaram de ser «deuses». O «povo audiófilo» tem agora a mesma possibilidade de se informar antes apenas ao alcance de uns quantos (e não me refiro aqui só aos críticos profissionais, mas também aos «de trazer por casa») que «bebiam» em revistas estrangeiras as brilhantes «tiradas» com que deslumbravam os «audioignorantes».

Acabou o tempo da inocência: em vez de um **tigre de papel**, a AUDIO proporcionou-lhe corajosamente contactos físicos com os verdadeiros **tigres, os que rugem**. A palavra de ordem passou a ser EU OUVI e não EU LI – ainda que continue a ser difícil coabitar com um tigre num apartamento de 3 assoalhadas.

Entretanto, à falta de melhor, leia a AUDIO, enquanto espera pelo próximo AudioShow.